

Na casa de minha avó |

Na casa de minha avó, havia um quintal antigo e comprido, salpicado por uma constelação infinita de árvores. Chamava-se casa de minha avó porque meu avô tinha morrido faz tempo, quando eu ainda não me lembrava das coisas.

À direita, a casa estendia-se até quase a metade do terreno. Depois, havia o quartinho de guardar ferramentas e uma goiabeira quase esquecida, lá no canto, longe de tudo. Mais para o fundo, ficava o rancho dos empregados e um cercado onde moravam galinhas, marrecos, patos, e um papagaio trepado num camarote de galhos. O papagaio tinha uma correntinha que o prendia à árvore. No

quartinho de guardar ferramentas, eu não entrava nunca, pois vivia com medo do barulho dos bichos e das coisas que se moviam por lá. Do outro lado, à esquerda, havia um universo híbrido e multicolorido de árvores: pés de laranja, mexerica, manga, goiaba, jabuticaba e uma outra com a cara carregadinha de amoras. Entre esses dois corredores contínuos, abria-se um caminho de terra batida, coberto por cascalhos, onde agora dormiam os carros, mas antes havia os cavalos e a charrete de meu avô.

Na frente da casa, uma varanda e um jardim de flores. Duas cadeiras de ferro, dessas de fitilho plástico, estavam sempre prontas para o descanso após o almoço ou o jantar. Uma cadeira era verde; e a outra, vermelha. Eu estava sentado numa das cadeiras, as mãos em V, apoiando a cabeça, olhando para a rua vazia. Era um desses dias quentes, de início de verão, perto das duas horas da tarde. Tudo estava muito quieto, as janelas estavam fechadas, e não havia ninguém andando pelas ruas. Até os cachorros pareciam ter desaparecido. Eu devia ter seis ou sete anos de idade e costumava olhar para a rua deserta, sem nenhum pensamento certo, como se adivinhasse que qualquer coisa importante ainda iria demorar muito a acontecer. O sol forte castigava o telhado das casas, e do asfalto subia uma fumacinha quente, mas não havia nada que eu observava em particular. Apenas olhava para a lentidão daquela tarde silenciosa.

Então, vindo de uma das esquinas, começou a crescer um som arrastado, de borracha grudando no asfalto pegajoso. Logo apareceu um menino, pedalando uma bicicleta. Era um menino forte, um pouco maior do que eu, e vinha pedalando muito lentamente a bicicleta, parecendo derreter sob o duro sol de começo de verão. Vestia *short*, estava descalço e sem camisa, e muito, muito sujo. Mesmo o *short* que usava era velho e cheio de furos. Ele veio passando pela rua devagar, observando-me com os olhos firmes, enquanto atravessava em frente a casa. Não sei bem por quê, levantei-me e me aproximei do portão olhando por cima do muro baixo. O menino pedalou por mais uns dez metros e então parou. Fiquei olhando para ele, e ele também olhava para mim. Não havia nada de especial a ser visto, apenas dois meninos encarando-se numa tarde quieta e tranquila. Então ele se abaixou, pegou uma pedra e disparou-a lá de longe, em minha direção. Fiquei imóvel, vendo o movimento da pedra no ar. A distância era muito grande, mas a pedra veio voando bem alto, fez um meio círculo para baixo e caiu com toda a força sobre minha cabeça. Levei a mão até onde a pedra havia batido, perplexo, sentindo muita dor. O menino permaneceu me olhando de onde estava. Quando percebeu que não haveria contra-ataque, calmamente montou em sua bicicleta e continuou pedalando pela rua.

Permaneci ainda alguns minutos parado no portão da casa, sem entender direito o que havia acontecido. Depois atravessei o jardim e a varanda, entrei pelo corredor comprido, e fui me trancar dentro do banheiro para chorar sem que ninguém percebesse.

Quando saí, o mundo tinha mudado.